



CORPOS EM CONVULSÃO: ASPECTOS EROTISMO NA POÉTICA DE GREGÓRIO DE MATTOS



BODIES IN CONVULSION: ASPECTS OF THE EROTICISM ON THE POETICS OF GREGÓRIO DE MATTOS

LUCAS LEITE BORBA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 31/07/2021 • APROVADO EM 03/11/2021

Abstract

This work aims at further analyzing the aspects of the eroticism, based on the philosophy of Georges Bataille (2017), over Gregório de Mattos' poetics. We believe that along his poems it's possible to find different figurations of the eroticism regarding death, desire and religion. Connecting the ideas of Bataille with the historical and literary context of the baroque, we find the construction of opposites composing the structure of the poem, in special *Necessidades forçadas da natureza humana* (1975). Focusing on finding the relations between the baroque aesthetics and the eroticism studied by Bataille, we interpreted the signs and symbols disposed on the poem as the desire of "finishing" cycles, of love and life, as well as the urge, or as the title already express, the necessity of satisfying the cravings of the flesh. Therefore, metaphors of darkness and light, the sacred and profane, all unite in one body and mind, that suffers on their own, thriving over the pleasure of living and, at the edge of this glorifying moment, facing the real end of circles: death.

Resumo

Este trabalho visa aprofundar a análise dos aspectos do erotismo, com base na filosofia de Georges Bataille (2017), sobre a poética de Gregório de Mattos. Acreditamos que ao longo de seus poemas seja possível encontrar diferentes figurações do erotismo a respeito da morte, do desejo e da religião. Relacionando as

ideias de Bataille com o contexto histórico e literário do barroco, encontramos a construção de opostos que compõem a estrutura do poema, em especial *Necessidades forçadas da natureza humana* (1975). Visando encontrar as relações entre a estética barroca e o erotismo estudado por Bataille, interpretamos os signos e símbolos dispostos no poema como o desejo de “terminar” ciclos, de amor e de vida, bem como a urgência, ou como título já expressa, a necessidade de satisfazer os desejos da carne. Portanto, as metáforas das trevas e da luz, do sagrado e do profano, unem-se num só corpo e mente, que sofre por conta própria, prosperando no prazer de viver e, no limite deste momento glorioso, se depara com o verdadeiro fim dos círculos: a morte.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Dulce Maria Cardoso. Os meus sentimentos. Literary narrative. Cinematographic language. Flashback.

PALAVRAS-CHAVE: Dulce Maria Cardoso. Os meus sentimentos. Narrativa literária. Linguagem cinematográfica. Flashback.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar um poema de Gregório de Mattos Guerra (1975)¹ pelo viés da pornografia e do erotismo. Nossa proposta é a de problematizar as questões que envolvem a sexualidade humana, utilizando o texto literário como prisma especular, para angariar questionamentos. Destarte, nas discussões a seguir, alvejamos (re)interpretar a poética de Mattos à luz da dicotomia erótico-pornográfica, enriquecendo a leitura do texto e problematizando a teoria.

O corpus escolhido, *Necessidades forçadas da natureza humana*, assim como outros poemas de Mattos, não possui título. Os nomes foram adotados postumamente, e, de forma geral, formam-se do primeiro verso da obra. Neste caso, como veremos adiante, se apresenta uma exceção. O título aqui expõe o conceito geral do texto. Também se discutirá, alhures, a leitura do poema a partir de seu título.

Dentre os diversos aspectos de análise na poética gregoriana, selecionamos, para os fins deste trabalho, a pornografia e o erotismo. A problemática da dicotomia erótico-pornográfica não é contemporânea, inobstante, suas discussões ainda permeiam diversas esferas da arte e do viver humano. A dualidade destes assuntos é tida como um paradoxo magnético, na qual duas faces da mesma moeda, além de coexistirem, dependem entre si. Essa categoria analítica alinha-se com as ideias sobre as quais debruçam-se a estética gregoriana, já que o autor é tido como o Boca do inferno. Aquele que tudo diz e expõe.

A fim de embasar a nossa interpretação do texto literário e fomentar a análise do poema selecionado, escolhemos a obra *O Erotismo* (2017), de Georges Bataille.

¹ À título de composição do trabalho extraímos todos os excertos de poemas utilizados aqui da obra *Poemas Escolhidos*, publicada em 1975.

Neste livro, o autor francês discorre acerca do corpo erótico e suas relações com a sexualidade, o sagrado e o profano. Bataille nos traz conceitos precisos para encorpar os nossos questionamentos e servir de aporte teórico para ratificar o corolário de informações que aqui serão expostas.

2. O HOMEM QUE DESAFIOU A DEUS: TRANSTORNO E PROFUNDIDADE NA LÍRICA DE GREGÓRIO DE MATTOS

Gregório de Mattos recebera a alcunha Boca do inferno devido ao seu não comedimento a estruturas magnas em sua época, o Estado e a Igreja. Com poemas em timbres satíricos, o poeta baiano ridiculariza o clero e as instituições estatais, expondo a corrupção e a hipocrisia latentes nas mesmas. Sua figura irreverente transpassava os poemas jocosos e respingava em suas atitudes no meio social, já que andava com prostitutas, apegado à vida boêmia e luxuriosa. O maior expoente da lírica barroca no Brasil, todavia, se faz inexistente em sua própria história. É a partir desta conotação que escavaremos alguns óbices da estética e história de Gregório de Mattos.

Vivendo no período das capitâneas hereditárias, em pleno século XVII, no Brasil colônia, o autor, pelos conteúdos e críticas que expunha em seus textos, escapou muito curiosamente das malhas da Inquisição. Seus versos apresentam uma retaguarda barroca, na qual o homem, ao invés de submeter-se a Deus, o desafia e questiona; o homem que se descomede das repressões do corpo impostas pela censura social e expõe as agruras do desejo e da pornografia. O eu-lírico gregoriano rompe com o ideário barroco da promoção religiosa, e investe no paradoxo interno do sujeito ao qual essa religião é imposta.

Gregório de Mattos Guerra tornou-se um óbice da chamada arte da Contra-Conquista. Este movimento seria o oposto à Conquista, dos portugueses e espanhóis, para reimplantar o catolicismo e reconquistar as terras da Igreja. Ou seja, como discutimos anteriormente, o fluxo do Barroco em propagar a religião católica por meio das artes, faria parte desta tentativa de reestruturação da Igreja Católica. O seu antagonismo é a resistência a esse processo, autores que se impõem perante as incongruências da religião e da política. A poesia de Mattos é uma excelente ilustração da Arte da Contra Conquista, cujo termo desenvolve-se no século XX, para nomear a resistência à invasão cultural, perpetrada pelos colonizadores.

Uma das questões que pairam sobre as discussões acerca das obras de Gregório de Mattos, é a sua póstuma publicação, 136 anos após sua morte. Situando-nos no século XVII no Brasil, observaremos uma forte circulação do modo de vida barroco, tanto na política, quanto na Literatura. A dispersão do Barroco nas terras brasileiras era expressa na catequese pregada pelos jesuítas e na Literatura mediada por expoentes como Pe. Antonio Vieira e Gregório de Mattos Guerra. A estética de ambos, por mais que díspares à primeira vista, pincelam críticas e sátiras aos poderes em voga, tanto à nobreza, quanto ao clero. O próprio Vieira, em destaque por seus sermões, reverencia Mattos por sua profícua ironia para com essas instituições, ratificando que “maior fruto produziam as Sátiras de Gregório do que seus sermões.” (CAMPOS, 1989, p.37). Todavia, sabendo que no Brasil a imprensa

inexistia, a difusão das produções da época era realizada por relatos orais. Segismundo Spina (apud Campos 1989) ratifica que Gregório de Mattos fora o primeiro jornal que circulou na colônia, vide os escândalos e barbáries que expunha em seus versos.

Haja vista o autor ter sido proeminente em sua época e principal expoente de seu período literário, o barroco, a sua publicação tardia se explicaria pela ausência da imprensa. Inobstante, a insurreição do poeta se dá por sua poética que ultrapassa o espaço literário. É um escritor em seu tempo, na estética e na essência, mas as palavras apesar de terem sido apagadas por um certo tempo, e “passadas de ostensivas a recessivas no horizonte recepcional” CAMPOS, 1989, p. 41), atingem e problematizam a sociedade dos tempos hodiernos. Destarte, sua sobrevivência se dá pela inesgotabilidade do discurso que ela provoca.

Entretanto, um dos pontos de análise de Haroldo de Campos (1989) é a não aceitação de Antonio Candido do Barroco como um concreto movimento no Brasil. Na obra, Campos disserta sobre o termo “sequestro”, adotado em uma crítica a Candido, por excluir o caráter de movimento literário do Barroco, e, por conseguinte, um de seus maiores expoentes, o poeta Gregório de Mattos. Em seu ponto de vista, Candido (1959) estabelece uma distinção entre manifestações e sistemas literários. Esse último aplica-se, segundo o crítico literário, como sistema por causa da confluência entre autor, obra e leitor, com relação à consciência de seu papel, expressando uma continuidade histórica. Já as manifestações literárias compõem-se de obras que, apesar de possuírem seu valor, não se constituem na identidade nacional e, conseqüentemente, não influenciam os autores posteriores a determinada época. A polêmica se dá ao passo que Candido ratifica Gregório de Mattos, e o Barroco, como exemplos das manifestações literárias, e um de seus argumentos é que o poeta, por ser descoberto já no romantismo, não exerceu influência nas gerações anteriores a esse.

Haroldo de Campos (1989) contrapõe-se a essa ideia, ratificando que o caráter de formação da Literatura perpetrado por Candido possui uma lógica baseada na exclusão e inclusão de obras literárias. O autor defende que a Literatura não está aliada, necessariamente, ao caráter edificador da identidade nacional. Portanto, Haroldo de Campos, em contraponto a Candido, classifica o Barroco como uma das constantes no que tange à Literatura Brasileira, e comenta a relevância do Barroco com relação aos movimentos posteriores.

Por fim, o resgate de Gregório de Mattos Guerra ocorre no segundo volume de O parnaso brasileiro, de Januário da Cunha Barbosa, aproximando 136 anos de diferença entre a publicação de sua obra e seu falecimento. O escritor, que fora exilado devido ao comportamento irreverente e à subversão de seus poemas, teve complicações em manter uma estabilidade de sua obra, já que a tradição escrita, no Brasil, se estabelece em meados do século XVIII. Dessarte, a coleta de seus versos se deu através de apógrafos. Especula-se que essa transcrição era feita por terceiros, como ratifica Antonio Houaiss, “já que parece improvável que pelo próprio Gregório.” (CAMPOS, 1989, p. 58). Esses apógrafos sustentaram a pervivência² de sua obra.

² O termo se refere à sobrevivência das obras literárias para além da época que as viu nascer.

3. A PORNOGRAFIA E O EROTISMO NA POÉTICA GREGORIANA: UM CERTO MAPEAMENTO

Dentre o corolário estético da obra de Gregório de Mattos, um dos assuntos recorrentes tange à dicotomia erótico-pornográfica. Alinhando nosso trabalho a um conceito, a priori, basilar das diferenças entre o erotismo e a pornografia, temos que, como afirma Robert (1984), o primeiro é eufemístico e seduz pelas entrelinhas e metáforas, enquanto o segundo escancara e esbanja o que se persiste em velar. Seguindo essa definição preliminar, a obra de Gregório tende à pornografia, já que expõe as alcovas onde se escondem os pecados da carne. Iluminando o que ocultamos sobre nós mesmos, Gregório marca o corpo em sua vulnerável intimidade, sobre os traços do sexo e da sexualidade.

Versos como: “Não me farto de falar/ Floralva, em vossa flor bela,/ e tanto hei de falar nela,/ té que a hei desfolhar.” (MATTOS, 1975, p. 264)³, expressam o caráter cortês e erótico do autor. O galanteio no poema é do âmbito da fantasia. A obsessão do eu-lírico pela flor de Floralva, o desejo de desvelar o que é intocado, quiçá proibido. O ensaio do sexo regozija os indivíduos, fazendo dos jogos de amor e o flerte caracteres do erotismo e da pornografia. Outro espectro da pornografia, supracitado, é o de desvelar aquilo que faz parte de nós, mas não queremos perceber. Em um de seus sonetos, o eu-lírico retrata a beleza e a formosura de uma jovem que “raio a raio os corações fulmina” (MATTOS, 1975, p. 274)⁴, demarcando uma admiração vertical ao objeto amado. Todavia, há uma quebra nesse ritmo no último verso, quando canta: “Ah muchacha gentil, que tal serias,/ Se sendo tão formosa não cagaras.” (MATTOS, 1975, p. 274)⁵ Aqui é exposto o nojo, no que tange ao que é escatológico. Ao contrário das hipérboles do amor cortês, que endeusavam as amadas, o eu-lírico ironiza que por trás do que é bonito há o podre. As fezes, podendo ser um fetiche em alguns casos, desperta o nojo daquilo que nos habita e que nós renegamos.

Outrossim, no poema *A umas freiras que mandaram perguntar por ociosidade ao poeta a definição do priapo e ele lhes mandou definido, e explicado nestas*, o eu-lírico discorre sobre a definição do pênis, escorrendo desde metáforas e metonímias, até a crueza das palavras anatômicas. O “priapo” do título se refere ao deus da luxúria e também ao falo. Em versos como: “Está sempre soluçando/ como triste solitário,/ mas se avista seu contrário,/ fica como o barco arfando,” a voz do poema destrincha os mecanismos do órgão sexual masculino, tanto sua composição no aparelho urinário, quanto o movimento da ereção. O soluçar, citado no verso, pode ser, também, uma referência à masturbação. Neste poema, podemos observar uma ode ao pênis, trabalhado no poema como um instrumento de poder e dominação do homem. Os versos são recheados de metáfora e metonímias, que velam os sentidos do sexo e da anatomia. Conquanto, no último parágrafo, essa ritmicidade se quebra, e o eu-lírico derrama as plurissignificações do pênis, com as famosas expressões de baixo calão, típicas do autor:

³ Trecho retirado do poema intitulado Terceiro pique à mesma dama.

⁴ Trecho do soneto Desaires da formosura com as pensões da natureza ponderadas na mesma dama.

⁵ Trecho do soneto Desaires da formosura com as pensões da natureza ponderadas na mesma dama.

Este, Senhora, a quem sigo,
De tão raras condições,
É caralho de culhões,
Das mulheres muito amigo:
Se o tomais na mão, vos digo
Que haveis de acha-lo sisudo;
Mas sorumbático, e mudo,
Sem que vos diga o que quer,
Vos haveis de oferecer
O seu serviço, contudo. (MATTOS, 1975, p. 277)

Nesta última estrofe, há uma descrição de um ato comum àquela época. Situando os sujeitos em sua história, temos que no século XVII o órgão sexual feminino ainda era tido como um objeto de usufruto do homem e, apenas, como aparelho reprodutor. . Outrossim, o prazer da mulher era negligenciado na época, e isso é expresso nos três últimos versos, nos quais relatam a subserviência da mulher, em oferecer o seu sexo, sem dizer “o que quer”. Essa relação entre os gêneros também é exposta em um poema o qual relata o sexo em si, em seus movimentos e ondulações. O intuito dos versos é relatar as discussões do casal, em que, mal sabendo serem os dois pecadores, um se envergonha do outro. O sexo aqui é descrito como uma metáfora de guerra, na qual o “cono é a fortaleza/ o caralho é capitão, / os culhões são bombardeios, / o pentelho é o murão.” (MATTOS, 1975, p. 282). Além de ratificar a oposição atrativa dos sexos, o contexto de guerra é comum ao sexo. A batalha entre bombardeios às fortalezas e ordens do capitão, é transposta ao universo das fantasias sexuais, na qual o homem e a mulher se degladiam na cama em busca do prazer. O sexo humano por muitas vezes não se faz dispare, já que era comum o homem impor o sexo à mulher, ainda que esta não esteja concordando. O eu-lírico desabrocha o caráter animalesco da pornografia, relacionado à brutalidade das guerras, na qual há sempre um que vence e outro que morre.

Dessarte, percebemos que a temática a qual iremos nos debruçar se faz recorrente na obra do autor, com diferentes roupagens. O poema o qual analisaremos adiante, *Necessidades forçosas da natureza humana*, aborda um outro espectro da dicotomia erótico-pornográfica, com relação ao desejo intrínseco ao homem, e que o difere dos animais. Vislumbraremos neste eu-lírico, um sujeito persecutor do interdito, e insaciável em seu desejo.

4. O EROTISMO ESTÁ NO FIM, O DESEJO É QUE SE PERDE NO CAMINHO: UMA ANÁLISE DO POEMA *NECESSIDADES FORÇAS DA NATUREZA HUMANA*

A escolha do poema *Necessidades forçosas da natureza humana*, se deu por sua profícua tradução do desejo sexual, que é comum ao ser humano. As relações entre indivíduos são postas no prisma na pornografia, neste soneto, corroborando para nossa proposta de problematizar a dicotomia erótico-pornográfica. Além disso,

o corpus é atemporal com relação ao seu conteúdo, já que o sexo fez e faz parte intrínseca da formação dos sujeitos e, malgrado a quaisquer repressões, ele resiste e demarca sua existência.

Dessarte, a escolha do poema dentre outros aqui apresentados, se dá pela confluência de diversas facetas da pornografia dentro do soneto. Os versos gregorianos em Necessidades forçosas da natureza humana, carregam a ironia, a sátira, a lascívia e o pecado. Gregório de Mattos vai a fundo e traz tudo que há de podre, expondo à luz da consciência o que os padrões insistem em esconder.

No que tange à categoria, escolhemos a dicotomia erótico-pornográfica. Tal assunto é coerente com a estética gregoriana de expor o sexo cru, com palavras de baixo calão, mas também os flertes, demarcados pelas metáforas e eufemismos. O despojamento literário de Mattos é um óbice pertinente ao nosso argumento no que tange ao erotismo, já que este pode ser encontrado em diversos espaços e em diferentes épocas.

A temática erótico-pornográfica gera debates até a contemporaneidade, mesclando-se a outras discussões, no que se refere ao feminismo, do papel da mulher nas figurações eróticas e pornográficas; aos estudos de gênero, no que tange às classificações e desconstrução dos sujeitos atuantes, dentre outros. Em nosso trabalho, a pertinência da escolha, é assegurada pelo caráter transcendental do erotismo, que além de expor os corpos em sua lascívia, vaga, segundo Bataille (2017) pelos meandros da incompletude e insaciabilidade da alma humana.

Como argumento de autoridade do nosso trabalho, escolhemos o teórico francês Georges Bataille, mais especificamente seus estudos acerca das protuberâncias eróticas dos sujeitos, na obra *O Erotismo* (2017). Neste compêndio de estudos acerca do corpo erótico, Bataille nos demonstra que o indivíduo é descontínuo por natureza e durante a vida busca resgatar sua continuidade. As carências da anatomia laceram o sujeito preso às suas morais. Essas últimas Bataille classifica como interdito, e a primeira, as carências, denomina como a transgressão. O erotismo é o cúmulo subversivo do interdito.

O martírio do ser humano, que versa sobre o erotismo, cessa apenas na morte. Misturando as forças do trabalho e da religião, que formulam o interdito, Bataille nos fornece um panorama e uma desconstrução do erotismo, a serem aplicadas em nossa leitura da lírica gregoriana. Versos como *corro por um conchego todo o mapa* e *Busco uma freira, que me desentupa/ a via que o desuso às vezes tapa.*, nos demonstram que, apesar de a estética muito assemelhar-se ao jocoso pornográfico, traços de um erotismo mais sutil percorrem o poema: a busca incessante por um desejo obstruído, e o desejo, carregado de interditos, por uma freira cuja simbologia remete à esposa de cristo e sua promessa de castidade. Destarte, é nos limítrofes do interdito com o a transgressão que o erotismo habita, e é nesse percurso que embasaremos a nossa análise.

O erotismo, segundo Georges Bataille (2017), é a aprovação da vida até a morte. De acordo com sua filosofia, o ser humano é movido pelo caractere erótico, que ultrapassa a realização do ato sexual. Esta subjetividade desconstrói a ideia do gozo obtido apenas via relações carnavais. O prazer que tanto obstinamos alcançar aproxima-se da angústia e da morte, como iremos discutir adiante. Isso se dá pela nossa incompletude, e pelo desejo de fusionar-nos às nossas partes perdidas. A esse estado de ser Bataille chama de descontinuidade.

Os seres que se reproduzem são distintos uns dos outros e os seres reproduzidos são distintos entre si como são distintos daqueles de que provieram. Cada ser é distinto de todos os outros. Seu nascimento, sua morte e os acontecimentos de sua vida podem ter para os outros alguns interesses, mas ele é o único interessado diretamente. Ele só nasce. Ele só morre. Entre um ser e outro, há um abismo, há uma descontinuidade. (BATAILLE, 2017, p. 36)

Ao enfatizar a distância simbólica que divide os indivíduos, o autor propõe a ilustração das aprovações que determinam ao erotismo, desde a vida até a morte. O nascimento, segundo o autor francês, é em si uma morte, já que um ser precisa se extinguir para que haja um nascimento. Esse ser é a mãe, pois ela, ao dar à luz, destrói a união vitelina com o filho, quando se faziam um só. Do parto em diante ambos são seres distintos entre si, separados pelo abismo descontínuo próprio da vida.

Além disso, Georges Bataille propõe que a solidão, enfrentada pelos seres descontínuos, guarda a lembrança da continuidade perdida. É esta nostalgia que nos impulsiona à vida, e ao mesmo tempo à morte. À vida pois o desejo de completarmos é o que nos move. Somos sustentados em nossa sede insaciável. Todavia, essa necessidade forçosa nos impele a buscar uma continuidade que está resguardada na morte. O ato último da vida é o alcance do gozo extremo. Logo, uma vez satisfeitos, não se precisa mais buscar, concluindo que não há vida sem procura.

Nossa peregrinação, por mais dolorosa que pareça, é permeada por alegrias efêmeras. Viver procurando é também encontrar e perder-se, promovendo novas experiências. Durante a vida, nos deparamos com sentimentos que nos parecem infundáveis, sejam eles de amor ou de agruras. O erotismo estrutura-se na esperança da eternidade daquilo que é efêmero. Ao amar, por exemplo, nós acreditamos que esse sentimento irá durar para sempre, pois cremos termos nos completado. Desde o “felizes para sempre” até a dor que supomos ser insuperável, somos interpelados pela angústia da eternidade, que carrega o que tememos e também almejamos alcançar: a continuidade.

Ao dissertar sobre a nostalgia do ser descontínuo, Bataille propõe a existência de três formas de erotismo: o dos corpos, o sagrado e o de corações. O erotismo ao qual iremos nos aprofundar em nossa análise será o primeiro, todavia, como existem alguns entrelaçamentos entre as categorias supracitadas, daremos uma breve explanação sobre os temas. O erotismo sagrado, por exemplo está relacionado tanto ao aspecto da religião, do amor de Deus, como também aos sacrifícios, em especial o da imolação. Essa expressão erótica revela a continuidade do ser aos que fixam sua atenção solenemente, sobre a morte de um ser descontínuo.

O erotismo sagrado também está relacionado à transcendentalidade. Nesse caso, o que diferencia, por exemplo, o erotismo dos corações desse é sua relação com o amor entre seres descontínuos. Se a união dos dois amantes é o efeito da paixão, ela evoca a morte, o desejo de assassinato ou de suicídio. O que designa a paixão é um halo de morte. Essa categoria erótica nos apresenta uma visão passional do

erotismo, na qual os seres obstinados a unirem-se um ao outro, criam o sentimento de dependência, em que o sujeito não vive sem o amado, ou sem a ideia de o seu parceiro existir sem ele.

Já o erotismo dos corpos está relacionado ao sofrimento do sujeito em viver com a própria descontinuidade. A nomeação desta categoria se dá pela exposição do corpo nas experiências eróticas que apontam para as suas fraquezas. Apesar de também possuir um caractere transcendental, esse componente erótico coloca o corpo como palco dos sentimentos. É através do espírito que passamos pela experiência erótica, mas também é pelo corpo que ela é canalizada, colocando-nos entre os limites da anatomia e revelando a dicotomia erótica do gozo angustiante.

Notamos nas três categorias expostas acima duas similaridades. A primeira com relação à transcendentalidade, já que a ânsia erótica não se dá apenas pelo contato físico, mas sim por um desejo acima disso. Podemos pensar essa característica como o espírito habitando a carne. O que clama a sede é o espírito, que nunca é plenamente saciado em vida, mas o canal utilizado para tal é o corpo. A segunda semelhança se dá com a aproximação com a morte. O gozo máximo do erotismo se encontra no fim da vida. Todo prazer erótico imiscui-se com a dor, seja a dos ciúmes, do sacrifício ou da angústia. Na vertigem da eternidade, gozamos da dor de alcançar a totalidade do espírito, limitando-nos pela nossa própria anatomia. Dessa forma, é no estreitamento entre a vida e a morte que o erotismo habita.

No soneto intitulado *Necessidades forçadas da Natureza Humana*, o eu-lírico gregoriano aponta para diversos pontos de discussão. Um desses é o erotismo, que de maneira sutil é tecido na descrição dos desejos da voz do poema. A componente erótica enfatizada nos versos do lirista é a do erotismo dos corpos, na qual o sujeito impele-se a satisfazer seu desejo, digladiando com as agruras da descontinuidade.

“Descarto-me da tronga, que me chupa,
corro por um aconchego todo o mapa,” (MATTOS, 1975, p. 273)

Aqui vislumbramos traços do sentir humano com relação à incompletude que nos rege. O eu-lírico expõe sua insatisfação, rejeitando a prostitua que lhe serve, dito no primeiro verso, procurando um afago por todo o mapa. Observamos a prostituta, tida como um símbolo da pornografia e do sexo, sendo escanteada. Essa ação conecta-se com a característica ininteligível do erotismo, que ultrapassa as necessidades do corpo e busca um gozo máximo que não se concretiza. A profissional do sexo aqui é descrita como o insuficiente para saciar os desejos do lirista, destarte ratificamos que o que se procura não está apenas no sexo.

A descontinuidade aqui é reiterada na procura por um aconchego. A hipérbole que faz referência ao mundo inteiro se refere a essa esperança de se alcançar algo que nos parece impossível. Viver na descontinuidade é buscar a continuidade perdida, na esperança de alcançá-la. A insatisfação nos faz correr o mundo, nosso instinto em buscar sempre algo nos permite viver, até reencontrá-lo, segundo Bataille, na morte.

“o ar da feia me arrebatava a capa,

o gadanho da limpa até a garupa.” (MATTOS, 1975, p. 273)

Nesses últimos versos são revelados ao leitor o caráter grotesco do sexo. Mostrando a destituição da beleza e da delicadeza envoltos na fantasia do sexo. Além de mostrar a realidade do desejo, em que não existem parâmetros de objeto e meios para ser realizado, com a “feia” que lhe arranha o corpo e o excita. Notamos nesse trecho um caráter animalesco em utilizar das unhas e da agressividade no ato sexual, o que nos leva à discussão das disparidades entre os seres vivos.

A diferença entre homem e animal se dá nas práticas e caminhos que o ser humano utiliza no sexo, encorpado por sua subjetividade, sobre o que lhe dá prazer, não necessariamente ligado à reprodução. No reino animal, não existe erotismo, pois não há o além, o sexo é o caminho para a reprodução e suas necessidades são anatômicas. Com relação à essa passagem do animal que se torna homem, Bataille afirma:

Sabemos que os homens fabricaram ferramentas e as utilizaram para promover sua subsistência; depois sem dúvida em pouco tempo, para satisfazer “necessidades” supérfluas. Numa palavra, distinguiram-se dos animais pelo trabalho. Paralelamente, impuseram-se restrições conhecidas pelo nome interdito. (MATTOS, 1975, p. 54)

Bataille retrata o advento do trabalho como início das dissemelhanças entre seres humanos e animais. Essa ação estritamente humana viria a trazer também normas e padrões criados para regularizar a sociedade. Essas leis ultrapassaram a esfera da mera proibição e instalaram-se como um fator moldelador na subjetividade dos sujeitos. Bataille classifica essas leis como interdito. Esse seria o fator inibidor, que também nos diferencia dos animais, que convencionam os limites aos quais não deveríamos ultrapassar. Paradoxalmente, o interdito é uma componente estrutural para o erotismo, junto à transgressão.

O ato de se desvencilhar dessas imposições, seja no íntimo ou publicamente, é tido como uma transgressão. O desejo pelo que não se pode ter é do terreno erótico, e para que isso exista é necessário o interdito e o impulso para transgredir. Todavia um processo não anula o outro, a transgressão suspende o interdito sem suprimi-lo. Para que o erotismo exista, é preciso que haja uma inibição e uma vontade de burlar essa. Nos versos de Necessidades forçosas da natureza humana, podemos ver esse espectro da dicotomia erótica expressa nos seguintes versos:

Busco uma freira, que me desentupa
A via que o desuso às vezes tapa,
Topo-a, topando-a todo o bolo rapa,
Que as cartas lhe dão sempre com chalupa. (MATTOS, 1975, p. 273)

O eu-lírico busca agora uma freira que o sacie. Ao almejar uma freira para satisfazer seus desejos, a voz do poema impele-se a transgredir uma norma. As freiras são figuras que representam as noivas de Cristo, ou seja, devotam suas vidas à oração e fazem a promessa de castidade. A fonte do querer está, como nesse caso, na impossibilidade de alcançar o objeto desejado. A componente erótica aqui ilustrada é a do desejo de chocar-se com os dogmas religiosos. O interdito contra os impulsos do sujeito em querer burlá-lo é o que compõe o erotismo. Também podemos observar o interesse do sujeito em desvelar o que está obscuro, escondido. Assim como um noivo ao altar, que anseia em tirar o véu de sua amada, a fim de desvendá-la e, acima de tudo, desvirginá-la.

Outra metáfora exposta nessa estrofe é do jogo de cartas. O lirista compara a (im)possível conquista da freira com o ato de levar todas as cartas do bolo no truço. Essa evasão de prazer é também reiterada quando o eu-lírico anseia por uma freira que lhe desentupa as vias. Para ele a freira irá desentupir lhe as vias, dando-lhe todas as cartas acumuladas, numa referência à quantidade de sêmen armazenada em sua genitália. A comparação feita nos versos é um caminho para explicar uma forma de gozo que não está no plano do sexo, como o de ser vitorioso em uma partida de truço, levando todas as cartas da mesa.

Ademais, no erotismo batailliano a religião exerce uma função fundamental. Comentamos acima que o trabalho fora um fator destoante das características animais e humanas, mas os dogmas católicos também possuem sua marca na realização da dicotomia do interdito e da transgressão. Isto se dá porque, ao passo que a Igreja estabelece determinadas proibições, ela também incita aos seus fiéis, indiretamente, a transgredi-las.

O catolicismo impõe a fé na culpa. É preciso se arrepender de seus pecados. Assim como no mecanismo erótico, é preciso que haja o interdito, e também que exista a transgressão, para que haja o gozo e para que haja a fé. No poema a freira é cobiçada acima da prostituta pois é permeada pelo interdito. Para Bataille, é a sensibilidade religiosa que liga sempre estreitamente o desejo e o pavor, o prazer intenso e a angústia. O prazer do ser humano está em transgredir. Somos pecadores, pois sem o pecado não existe a glória do perdão, nem o prazer no ato de burlá-lo.

Sem o interdito, sem o primado do interdito, o homem não teria podido chegar à consciência clara e distinta. [...] O interdito elimina a violência, e nossos movimentos de violência (entre os quais aqueles que correspondem à impulsão sexual) destroem em nós a calma ordenação sem a qual a consciência humana é às vezes inconcebível. (BATAILLE, 1978, p. 61).

Bataille ressalta no excerto a violência como algo natural, e o interdito como o que a controla. O violento relaciona-se aos impulsos do instinto. Os animais são seres instintivos, ou seja, não apresentam pudor ou moral que delimitem suas ações. Já os homens, com o advento do trabalho e da religião, como discutimos acima, cercearam seus impulsos a fim de possibilitar a convivência em sociedade. O sexo para os animais é algo natural e que não precisa de um velamento. Já os homens colocam o sexo no âmbito do privado, e os órgãos genitais para nós, são aqueles que sabemos que existem, mas que não são mostrados, muitas vezes recorrendo a eufemismos para descrevê-los.

Um ato que é violento, segundo Bataille, para os sujeitos, como mostrar as genitálias, não é do universo animal. É essa a consciência clara e distinta a que o

teórico se refere. O interdito traz ao homem a lucidez que o leva ao pudor e ao recolhimento, para depois transgredi-lo. O movimento da transgressão é, como afirma o autor, violento e nos leva à desordem. Sem o interdito não haveria o caos, pois também não existiria o impulso transgressor, e viveríamos à mercê dos nossos instintos, sem consciência. Portanto, é preciso que haja a desordenação da calma para que exista a consciência humana.

No soneto gregoriano, essa desordem é percebida no eterno correr do eu-lírico, que descarta o que conquista em busca de novos alvos. Atravessando desde a prostituta até a freira, a voz do poema procura desentupir seu desejo acumulado. Tanto a prostituta como a freira possuem seus estigmas, seus interditos. No caso da primeira com relação ao despudoramento, já que o encontro com tais mulheres é sempre feito nas noites, na escuridão, pois não é bem visto. Na segunda, como discutimos acima, as morais recaem em cima do extremo pudor e da castidade. Ambas carregam em si padrões, que impelem a um rompimento.

Que hei de fazer, se sou de boa cepa,
E na hora de ver repleta a tripa,
Darei por quem mo vase toda Europa? (MATTOS, 2017, p. 273)

Nessa estrofe o Eu-lírico revela suas qualidades, ratificando ser de boa família. Ao ressaltar esse aspecto, indaga o que acontece para que esteja tão necessitado de alguém que o esvazie. Aqui temos duas ambições do ser humano, a riqueza e o prazer. Quando discutimos sobre o trabalho e sua interação no comportamento dos sujeitos, observamos que Bataille interpreta o trabalho, também, como um meio para saciar anseios supérfluos desses. Essa filosofia é exposta nos versos, no momento em que o lirista possui bens materiais, boa família, mas não está satisfeito.

O fruto do trabalho não nos sacia, pois, quanto mais se tem, mais próximos da nossa realidade incompleta estamos. Assim nós voltamos ao prazer carnal, a fim de sanar no sexo o que há em nós de descontínuo. O esvaziamento é um desejo incessante desse sujeito, que promete a Europa inteira para quem o esvazie. Esse processo é o que Bataille chama de busca pela continuidade. Reiteramos aqui o conceito primevo que o teórico francês nos oferece acerca do erotismo, que é a aprovação da vida até a morte.

Esse conceito, que, segundo o autor melhor define o erotismo, é bem ilustrado nas estrofes que analisamos. Deparamo-nos com um eu-lírico almejando esvaziar-se, e descartando-se de suas opções que já foram conquistadas. Sua frustração culmina no uso das hipérboles, de correr o mundo atrás de quem o sacie e prometer a Europa inteira a quem o faça. Isso revela a (in)consciência humana em perseguir um desejo, à nossa vista, impossível nas pequenas oportunidades de realizá-lo parcialmente. Quando no ápice do sexo alcançamos o orgasmo, temos uma experiência de quase morte, segundo Bataille.

Há os sujeitos que reverterem esse desejo na procura por experiências radicais, em que colocam suas vidas em cheque. As experiências de quase morte são permeadas também pelo gozo, e pela dor. O erotismo dos corpos é múltiplo e possui diversas faces, seja na fome exagerada, quando já estamos biologicamente saciados,

ou na procura de uma freira para que nos satisfaça mesmo tendo a prostituta que o faça. Essa categoria erótica nos impulsiona a desafiar os limítrofes da carne. Há uma vertigem em figurar a eternidade pois é nossa descontinuidade que nos impulsiona a viver, mas é também na nostalgia da continuidade que buscamos retornar para onde viemos, para o infinito anterior às nossas vidas: a morte.

Essa estreita relação do erotismo com a morte se dá pelo interdito que, também, a circunda. Vasculhando os vestígios pré-históricos, Bataille comenta que os neandertais já possuíam uma fé, assim como ferramentas e o hábito de enterrar os mortos. Todavia, não são detectáveis através dos fósseis possíveis restrições com relação ao sexo. É a este período que nos referíamos acima, quando destrinchávamos as dissemelhanças entre os seres humanos e os animais. Sendo uma dessas o modo de lidar com a finitude da vida.

É certo que os motivos pelos quais se enterram os cadáveres se diferem de acordo com o período histórico. Nos primórdios da civilização, essa prática possuía um certo pragmatismo, ao passo que os corpos em decomposição atraíam animais para as aldeias. Entretanto, é possível questionar se os valores religiosos desses indivíduos não pressupunham uma existência além da vida, já que eram encontrados chifres e dentes de animais juntos aos corpos enterrados, como presentes para o morto.

Posteriormente os costumes fúnebres continuam nas civilizações futuras, nas quais a religião imbrica-se cada vez mais veemente nesse processo. Já no catolicismo, há a esperança da salvação eterna, ou da punição. A Igreja católica acredita na vida após a morte e prega que as ações dos indivíduos na terra garantem sua plenitude no paraíso. Todavia, àqueles que não seguem os dogmas pregados pela religião, iriam padecer no inferno.

No catolicismo existe um adendo importante, que é a figura de Jesus Cristo, o homem que ressuscitou dos mortos. Apesar de inconcebível à primeira vista, as religiões possuem uma latente aproximação com o erotismo. Os sacrifícios, como vimos acima, e o modo de lidar com os falecidos, desvelam práticas que tangem a espectros eróticos. Utilizando Cristo como exemplo, vemos o conceito de erotismo descrito em sua figura: a aprovação da vida até a morte. O sofrimento de Jesus culmina na crucificação, mas o horror maior, segundo Bataille, não é a sua morte, mas sua ressurreição. Jesus na narrativa bíblica ilustra o abismo entre seres contínuos e descontínuos, largando do corpo humano e alcançando a continuidade perdida.

Ademais, o ato de enterrar os mortos é também uma forma de impedir a degradação do corpo. É um ato de horror, também, vislumbrar os esqueletos, ou a matéria em decomposição, pois encaramos continuidade que tanto almejamos, mas que também tememos. Existe, como afirma Bataille, uma fissura entre a vida e a morte. Possuímos uma vontade de perseguir um ideal de perfeição, sem ter plena consciência de que essa é o fim. A morte é, portanto, o início e o desfecho, o que impulsiona a vida e o que a finda. O interdito da morte, ilustrado na Bíblia no quinto mandamento que ordena “não matarás”, é necessário para que a sociedade coexista. Retornando a comparação do reino animal, no qual essa proibição inexistente, temos a desordem, na qual a matança é instintiva. A transgressão deste interdito é caracterizada como ato erótico, já que culmina no assassinato. É o prazer da

descarga energética e da violação do interdito, seguido da angústia, própria do erotismo.

Observamos nesses comentários acerca do erotismo e da morte, que serão retomados adiante, a plasticidade do corpo erótico. O erotismo está em todas as coisas, pois o homem como ser descontínuo, encara o mundo dessa forma, perpassando sua sede de completar-se para a cultura. Por mais que sutis, essas passagens do contínuo ao descontínuo é retratada no soneto de Gregório de Mattos no desespero do Eu-lírico em encontrar uma freira que o apeteça. Os pensamentos desse sujeito ultrapassam a sua própria razão, pois ao deparar-se com um desejo à sua vista impossível de ser realizado, promete toda a Europa a quem o realize. Aqui vemos o espírito do ser descontínuo, aquele que é consciente da impossibilidade, de sua incompletude, tanto que mesmo na esperança revela a inalcançabilidade de seu anseio.

A importância de se discutir sobre o papel da morte na composição do erotismo se dá pelo fato de que a finitude da vida é o que nos torna seres eróticos. Saber que estamos fadados a um fim, nos possibilita querer alcançá-lo. A continuidade é um fardo pesado, e uma realidade distante para o ser humano suportar. É preciso que haja uma certeza, mesmo que está também acarrete dúvidas. Apesar de sabermos que nossa existência no corpo possui uma validade, nos angustiamos ao tentar desvendar o que há além desse fim, ou se há algo após a vida.

Esse questionamento é remanescente em diversas experiências da vida. Os seres humanos possuem uma tendência de colocar a eternidade no que é efêmero. Por isso dizem que morremos e vivemos várias vidas durante uma só. Ao relacionarem-se com outra pessoa, os sujeitos acreditam na promessa do amor infinito. Quando a relação se rompe ou está em conflito, esses podem entrar em um colapso, indagando que não a vida sem aquele outro ou que preferiria morrer a imaginar um futuro sem o amado. Esse sentimento desesperador pode ser, segundo Bataille, uma experiência mínima da angústia do fim.

No poema que estamos analisando, o sentimento angustiante também está presente. Após descartar a prostituta que não mais lhe apraz, o eu-lírico se desespera ao imaginar que nunca encontrará alguém que o sacie. O fim do desejo aqui também acarreta um espectro da dor do rompimento do corpo e da alma. Essa preocupação do sujeito em se ver isolado com a própria vontade o faz querer buscar uma freira. Por mais que para ele esse desejo seja difícil ou até mesmo impossível de se realizar, é preferível para ele encarar a vida com uma promessa distante que ele irá buscar saciar, dando um sentido à sua existência.

A transgressão do humano – do interdito, da lógica do trabalho – é o ápice do humano. O erotismo é a experiência interior dessa transgressão, desse ápice, desse pas au-delà: “A experiência interior do homem é dada no instante em que quebrando a crisálida, ele tem a consciência de dilacerar a si mesmo, não a resistência oposta de fora” (BATAILLE, 2017, p. 17)

Aqui Bataille conceitua novamente o erotismo, agora como a experiência interior da transgressão. Antes de dissertarmos acerca de tal definição, iremos nos

debruçar acerca do que Bataille entende por experiência interior. Começamos a partir do fato de que apesar de denominar-se como tal, a experiência interior para Georges Bataille não é uma experiência de fato. Para ele, isso acontece, pois esse fenômeno não remete a nenhuma presença, a nenhuma plenitude, mas somente ao impossível que ela ‘prova’ no suplício.

Além disso, ironicamente, o autor pontua que tal experiência também não é interior. Segundo Bataille, ela assim é denominada pelo fato de não estar relacionado a nenhum outro, ou algo exterior, senão pelo modo na não remissão do segredo e da ruptura. A experiência interior é inteiramente exposta, crua e aberta, sem reserva nem foro interior, profundamente superficial. Dessa forma, Bataille nos convida a adentrar ao ininteligível universo do erotismo, na qual os fenômenos são do âmbito dos sentidos e não da linguagem, propriamente dita. A experiência interior é a passagem que nos leva ao erotismo, o rasgar da crisálida. Não é algo interior, mas também não advém do exterior. Ela, quando permeada pela convulsão do interdito, por meio da ação transgressora, tem como ápice o erotismo.

A experiência interior do homem é dada no instante em que, quebrando a crisálida, ele tem a consciência de dilacerar a si mesmo, não a resistência oposta de fora. A superação da consciência objetiva, que as paredes da crisálida limitavam, está ligada a essa inversão. (BATAILLE, 2017, p. 62)

Ao reiterar a ação do homem sob a experiência interior, Bataille ratifica que a quebra do interdito é um dilaceramento de si mesmo e não da resistência que se forma, que é externa. Ao transgredir, deturpamos a ideia do interdito que habita em nós, mas não a sua moral universal. Dessa forma, o ato erótico é um ato, como discutimos acima, de ressurreição. O interdito é suspenso dando vazão ao prazer, e então encoberto pela culpa.

No poema vemos detalhes dessa experiência interior no que tange à transição. Entre transgressões o sujeito se permeia pelo próprio interdito. O acúmulo que o eu-lírico tenta esvaziar, faz referência ao sufocamento das proibições. Os indivíduos transitam entre fases, resistindo para dilacerar-se, largando dos desejos ditos saciados, em busca de sentirem-se sedentos novamente. Desprendendo-se da prostituta que lhe apraz, o eu-lírico deseja a freira que lhe proporciona a angústia da inalcançabilidade.

A experiência interior aqui é mostrada em seu intervalo, quando o eu-lírico procura a figura desejada, construindo a crisálida em torno do anseio impossível. Promete-se toda a Europa àquele que viabilizar a realização de seu desejo, o de ultrapassar o próprio interdito. O apelo é feito, mas o único que pode quebrar o interdito é o próprio sujeito. Como vimos, o interdito é algo intrínseco ao indivíduo, por mais que construído socialmente. Isso acontece porque moldamos a lei de acordo com nossa realidade.

O interdito é múltiplo, tal qual o erotismo. Ele se difere entre culturas e vivências. Desta maneira, cabe a ao sujeito transgredir esses preceitos em si mesmo, atravessando a experiência interior da transgressão. Essa última, também específica de cada ser, pode ser vislumbrada como um túnel, que é externo e cru, mas também

profundamente superficial. São elementos internos que o compõem, mas sua essência é externa. Atravessar o canal da transgressão é desconstruir o interdito e simular a experiência interior dessa que é o erotismo em si.

Todavia, como explanamos acima, o erotismo está em todas as coisas, nos prazeres e nas dores. O que nos viria a concluir que em nossas vidas somos permeados pela experiência interior em suas diversas facetas. Enfrentar o tabu do sexo livre relacionando-se com prostitutas é uma forma de transgressão, como no primeiro verso, pois rompe com um ideário social de que o sexo é próprio do casamento, da reprodução. A degradação do interdito pelo viés da transgressão culmina no angustiante gozo erótico, transformando a quebra na experiência interior.

“Como sua forma, seu objeto muda: quer estejam em questão a sexualidade ou a morte, é sempre a violência que é visada, a violência que apavora, mas que fascina.” (BATAILLE, 2017, p. 75)

Para concluir nossa discussão acerca da experiência interior, reiteramos a presença das afinidades eróticas com a morte, e a violência que demarca os processos do erotismo. Bataille ratifica no excerto que somos múltiplos, e viver significa metamorfosear-se. Mudamos, para que também nossos objetos mudem, e assim possamos mais uma vez destrinchar os interditos. Tanto na sexualidade como na morte, há uma plasticidade nas maneiras de se transgredir. O fator constante da metamorfose é a violência que ela é exigida para que a mudança aconteça. A apavorante força da violência é o impulso e a repulsa que equilibra o ser descontínuo, forçando-o sempre a recorrer ao recolhimento para depois violá-lo.

Durante as três primeiras estrofes do poema, somos interpelados pelo movimento errático do sujeito, transitando conforme seu desejo. Desde o desprendimento do objeto que não mais lhe satisfaz, até o encontro de um novo. Somos guiados, como no poema, por nossa insatisfação. Não obstante, a inalcançabilidade do objeto desperta a instabilidade e o desespero em tentar conquistar algo que o próprio sujeito, e o interdito, colocaram numa posição distante. Nós somos aqueles que criamos o interdito e, por meio da experiência interior, também somos os que o desconstruímos.

Amigo, quem se alimpa da carepa,
Ou sofre uma muchacha, que o dissipa,
Ou faz da mão a sua cachopa. (MATTOS, 2017, p. 273)

Nos últimos versos o eu-lírico toma uma posição de conselheiro. Utilizando termos pejorativos para descrever as formas de satisfação sexual, o lirista afirma que, para aqueles que querem sanar apenas a vontade de sexo, podem optar por uma prostituta ou recorrer à masturbação. Aqui é exposta a indignação da voz do poema, que acredita que os prazeres carnis podem ser saciados das formas mais simples. Todavia, o que ele quer ultrapassa essa simplicidade, pois não são do plano

da carne, mas sim do espírito. Ele não deseja a prostituta ou a masturbação porque para ele não há mais gozo naquilo que ele já desvendou. Almejar a freira não é simplesmente um ato de subversão, ele a escolhe pois ela é cercada pelo interdito. O prazer do jogo do sexo está também no que se faz para conquistá-lo. A agonia e angústia de não poder ter a freira fazem parte do teatro erótico, no qual o sujeito é posto em obstáculos que põe à prova a sua descontinuidade, levando-o aos limites da anatomia e aproximando-se, inconscientemente, da continuidade perdida.

Ademais, o termo alimpar a carepa, situado no primeiro verso dessa estrofe, faz referência ao ato sexual. Assim, o conselho dado é que aquele que deseja o sexo, por sua representação social, pode encontrá-lo de diferentes maneiras. Então, são designadas duas maneiras de se obter o prazer oriundo do sexo, uma é com as prostitutas. Mais uma vez reiteradas no soneto gregoriano, as prostitutas representam ainda o erotismo pornográfico. Essas figuras estão relacionadas à cultura libertina, do sexo livre e sem barreiras. A ironia é que justamente esse escancaramento do sexo é o que repele o eu-lírico, pois a ausência de obstáculos significa que para tal indivíduo a prostituta não tem em si interditos que o impulsionem a transgredir.

Apesar de descartar a prostituta, isso é descrito logo no primeiro verso, o eu-lírico reitera que a prostituta é capaz de provocar o gozo, mas que em sua subjetividade esse gozo não é mais sentido, de modo que ele agora procura uma freira para que o console. A figura da freira em contraponto a da prostituta nos revela a transcendentalidade do desejo que discutimos ao longo deste trabalho. O prazer está no plano do interdito e da transgressão. Como o interdito é construído por cada um, cabe a nossa subjetividade moldar os objetos de desejo, sejam eles a prostituta ou a freira. Apesar de serem díspares à primeira vista, ambas possuem sua estreita relação com o erotismo, uma com relação à entrega ao sexo e a outra com relação a abnegação dos prazeres carnis, focando toda sua carga erótica na oração.

No último verso a voz do poema faz uma alusão à masturbação. O termo cachopa significa pétalas, ou flor, e é um eufemismo para o órgão sexual feminino. Assim, aquele que busca o mero prazer pode satisfazer-se com a própria mão. O interessante é notar que o onanismo também é um tabu social, além de ser considerado um pecado pela Igreja Católica. Dessa forma, o onanismo não escapa às malhas do interdito. Logo, o gozo do indivíduo que encara o ato masturbatório como proibido, pode gozar dele ao transgredi-lo. Para o eu-lírico esse movimento auto erótico não satisfaz mais, assim como a prostituta, pois o interdito já fora descascado.

Durante a nossa análise, discorreremos acerca das travessias eróticas as quais os sujeitos atravessam em suas vidas. Partimos da descontinuidade do ser, na qual encontra-se também a nostalgia da continuidade perdida. Ou seja, apesar de temer o fim, o homem o persegue por sua natureza incompleta e ansiosa em satisfazer-se. O poema de Gregório nos deu subsídio para ilustrar a categoria do erotismo dos corpos, atestando a transcendentalidade do desejo. Comprovando nossa hipótese de que os anseios humanos ultrapassam a biologia, e esse é um dos fatores que os diferenciam dos animais, vimos no soneto de Gregório de Mattos a procura do homem por um objeto que desperte nele os interditos. É na perseguição da angústia do impossível que o homem encontra os rastros do erotismo, e de sua completude.

As hipérboles da voz do poema nos deram subsídio para fortalecer nosso argumento acerca dos desesperos dos sujeitos de sempre imaginarem o seu estado presente como infinito. A promessa enorme do indivíduo, de prometer a Europa a quem realizar seu anseio, revela a inalcançabilidade de seu pedido. Ademais, observamos a visão das relações eróticas como um jogo de truço, descrito na segunda estrofe, de forma que o esvaziamento total seria conquista da freira e no jogo a aquisição de todas as cartas do bolo.

O “ganhar o jogo” é citado nos versos como a vitória dos impulsos eróticos em desentupir o que há de acumulado. Nesse caso, trata-se numa alusão ao próprio sêmen. Mas a liberação do interdito também é o resultado da descarga do gozo. O eu-lírico finaliza seu relatório sobre as necessidades forçosas da natureza humana com os conselhos para àqueles que ainda procuram o prazer só no sexo: a procura de uma prostituta que o alivie, ou a própria mão para satisfazer-se. Aqui temos o desfecho como o ciclo, no qual o eu-lírico induz a outros a entrarem nas veredas do erotismo, desvencilhando-se de seus interditos e libertando-se da transgressão.

O título Necessidades forçosas da natureza humana, apesar de não ser dado pelo autor, e também não estar dentro dos versos, como na maioria dos casos dos títulos atribuídos à Gregório de Mattos, desvenda a essência da proposição do texto. As necessidades forçosas ilustram os impulsos do erotismo sobre o sujeito, fazendo-o desejar aquilo que está fora da anatomia. Essa característica, própria da natureza humana, os torna seres refinados, mas também sempre sujeitos a retornar ao animalesco, pois a continuidade está nisso, na ausência dos interditos. As violências e violações descritas nesse trabalho são do universo dos instintos selvagens, o de matar, perseguir, da agressividade e da voracidade. Estamos a todo o tempo no pêndulo de nossas partes animais, assegurando-se no trabalho, na religião e na descontinuidade, que colocam o interdito sobre nós, limitando-nos e permitindo-nos viver.

Portanto, nesse trabalho objetivamos ilustrar as elucubrações de Georges Bataille acerca do erotismo, assim como promover uma nova leitura do soneto de Gregório de Mattos. Nosso intuito é o de problematizar as estruturas teóricas do teórico francês a partir da leitura do soneto gregoriano. Vimos que a natureza humana é cortada pelo desejo insaciável e fora da anatomia, que nos impele a buscar sempre algo a mais. Esse algo é o que chamamos de continuidade. Para Bataille, somos seres descontínuos, e nas aprovações da vida até a morte nos relacionamos com pequenas partes de nós, os interditos, em busca de dissolvê-las rumo ao gozo máximo. Os versos de Gregório nos proporcionam o corpo para nossa hipótese acerca desses anseios da alma humana, que apelam em nominarem-se, apesar de serem indizíveis.

O soneto de Gregório nos mostra as travessias dos sujeitos durante a vida, mostrando que o erotismo está em tudo e todas coisas, cabendo a nós lidarmos com os nossos ideais de forma a controlar essa violência que surge, e ao mesmo tempo violar o interdito que emerge. É na ambiguidade dos homens, na sua culpa em transgredir os preceitos sociais, que brota o erotismo. Outrossim, tentamos abarcar as discussões trazidas no poema de Gregório de Mattos com relação ao desamparo do sujeito em relação ao desejo inalcançado à luz das ideias de Bataille sobre a experiência interior e seu papel formador na subjetividade dos indivíduos. Podemos dizer, dessarte, que, estando onipresente, o Erotismo reúne todas as experiências

em sua sobrevivência na terra, pois é na morte que encontramos o gozo extremo, mas é em vida que o perseguimos e fantasiamos com este, nos permitindo sempre estar aquém de nós mesmos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, nesse trabalho objetivamos ilustrar as elucubrações de Georges Bataille acerca do erotismo, assim como promover uma nova leitura do soneto de Gregório de Mattos. Nosso intuito é o de problematizar as estruturas teóricas do teórico francês a partir da leitura do soneto gregoriano. Vimos que a natureza humana é cortada pelo desejo insaciável e fora da anatomia, que nos impele a buscar sempre algo a mais. Esse algo é o que chamamos de continuidade. Para Bataille, somos seres descontínuos, e nas aprovações da vida até a morte nos relacionamos com pequenas partes de nós, os interditos, em busca de dissolvê-las rumo ao gozo máximo. Os versos de Gregório nos proporcionam o corpo para nossa hipótese acerca desses anseios da alma humana, que apelam em nominarem-se, apesar de serem indizíveis.

O soneto de Gregório nos mostra as travessias dos sujeitos durante a vida, mostrando que o erotismo está em tudo e todas coisas, cabendo a nós lidarmos com os nossos ideais de forma a controlar essa violência que surge, e ao mesmo tempo violar o interdito que emerge. É na ambiguidade dos homens, na sua culpa em transgredir os preceitos sociais, que brota o erotismo. Outrossim, tentamos abarcar as discussões trazidas no poema de Gregório de Mattos com relação ao desamparo do sujeito em relação ao desejo inalcançado à luz das ideias de Bataille sobre a experiência interior e seu papel formador na subjetividade dos indivíduos. Podemos dizer, dessarte, que, estando onipresente, o Erotismo reúne todas as experiências em sua sobrevivência na terra, pois é na morte que encontramos o gozo extremo, mas é em vida que o perseguimos e fantasiamos com este, nos permitindo sempre estar aquém de nós mesmos.

Referências

BATAILLE, Georges. O erotismo. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CAMPOS, Haroldo. O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos. Salvador: Fund. Casa Jorge Amado, 1989.

CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1959.

MATTOS, Gregório de. Poemas Escolhidos. Cultrix: São Paulo, 1975.

Para citar este artigo

BORBA L. L. *Corpos em convulsão: aspectos erotismo na poética de Gregório de Mattos*. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 7, 2021, p. 301-320.

O autor

LUCAS LEITE BORBA é professor graduado em Letras/Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Membro do KEW - Kyklos de Estudos Woolfianos. Pesquisador na área de Literatura e Crítica feminista. Possui experiência na docência em língua inglesa. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária. Interessa-se pelos seguintes temas: Literatura, Crítica Feminista, Modernidade, Feminismo e Teoria Literária. Trabalha com Literatura Brasileira e Inglesa de autoria feminina. Atualmente desenvolve pesquisa acerca da obra Woolfiana pelo viés da crítica feminista e do feminismo.